

Ocupação do Período Islâmico

SUSANA DUARTE

Introdução

O principal estabelecimento islâmico da cordilheira da Arrábida é o *hisn* de Palmela, referência estratégico-militar que, dominando extensa área visual inter-estuarina, levou à fixação de forças islâmicas aquando do Emirato Omíada de Córdova em finais do século VIII/século IX, momento de grande instabilidade, quer por lutas internas quer pelos ataques vikings. O castelo de Sesimbra cuja visibilidade se estendia até ao Castelo de Palmela e à própria serra da Arrábida funcionaria como ponto de vigia sobre o Atlântico. Paralelamente, o *hisn* de Coina-a-Velha, onde subsistem pequenos troços de muralha, controlaria a área rural envolvente. A par da comunicação entre estes castelos, também ribats e torres de vigia demarcariam a estratégia de defesa deste território, apoiada por importante rede de povoamento rural; por outro lado, as grutas e lapas seriam locais ideais à prática religiosa e de reflexão - *ribat eremítico*. O geógrafo árabe Al-Rāzī (século X) refere-se à Arrábida como “*Monte dos Banu Benamocer*” que os habitantes designavam de “*al-Rabita*” (Fernandes, 2004).

Sem condições naturais ou artificiais de defesa, Setúbal comportar-se-ia como um núcleo populacional de feição marítima, detentor de baía com condições portuárias de excelência, tendo as fortificações de Palmela e Alcácer do Sal a controlar a região do Baixo Sado. A navegabilidade do rio Sado permitia a deslocação de bens, assim

como o aproveitamento dos recursos estuarinos. Dada a posição geográfica de Setúbal, o principal núcleo habitacional islâmico localizar-se-ia na colina de Santa Maria, possivelmente, na encosta virada para o estuário. Na organização funcional do espaço, a área de necrópole está, sistematicamente, no exterior da cidade dos vivos, tendo sido identificada, no lado norte desta colina, na Rua Francisco Augusto Flamengo, uma necrópole, cuja datação radiométrica está compreendida entre os finais do século X e meados do século XII, assente sobre níveis da época romana (Tavares da Silva *et al.*, 2010; 2014). Na zona baixa da área urbana (Praça de Bocage, Edifício Benetton e Largo da Misericórdia) foram identificados vestígios artefactuais correlacionados com a existência de cabanas construídas com materiais perecíveis, instaladas em restinga arenosa que limitava a sul área pantanosa de onde provieram restos vegetais (caules de videira e espécies frutícolas). As datações radiométricas obtidas para as amostras de vides correspondem ao intervalo de 1015-1213 cal DC (ICEN 698) e de 1034-1253 cal DC (ICEN 699), a 2 sigma. Foram ainda exumadas estruturas de cais palafíticos na margem da baía (Avenida Luisa Todí). No Largo da Misericórdia e na Praça de Bocage foram recolhidos fragmentos de cerâmica atribuídos aos finais do século XI – inícios do século XII (Soares, 2000, p. 123-124).

Contexto Arqueológico

A ocupação do período islâmico está representada na Rua António Joaquim Granjo, 19 por estruturas exclusivamente negativas com depósitos de detritos domésticos (Fig. 1). Correspondem a fossas de planta subcircular, colmatadas por sedimentos castanho-acinzentados muito escuros ricos em detritos domésticos: ossos, conchas de moluscos marinhos e recipientes cerâmicos em geral muito fragmentados, para além de alguns metais (pregos e faca). Identificámos quatro destas fossas (Qs. E7, F7, G6 e L8) cujo diâmetro da sua abertura varia entre 0,7m na Fossa G6 e 1,5m na Fossa F7 e a sua profundidade (perfil em saco), entre 0,4m (Fossa G6) e 0,9m (Fossa F7) (Fig. 2). Tendo as fossas sido abertas em camadas de ocupação romana, exumámos desse período alguns fragmentos de cerâmica, material de construção e fragmentos de estuque pintado.

Espólio

Da totalidade das quatro fossas foram exumados 137 recipientes e/ou fragmentos com interesse tipológico, que correspondem a cerâmicas

de uso quotidiano, relacionadas com contextos domésticos (Quadro 1), um utilitário doméstico metálico (faca), para além de alguns complementos de artefactos de madeira (pregos) e abundantes restos faunísticos. A cerâmica comum predomina em absoluto, caracterizada por fabricos maioritariamente locais/regionais. Predominam as pastas de textura esponjosa com abundantes elementos não plásticos (quartzos e moscovite) de granulometria fina a grosseira.

Da fossa E7 foram exumados 35 recipientes, dos quais 32 (91,4%) correspondem à categoria tecnológica da cerâmica comum, estando a cerâmica de cozinha representada por 22,9% (8 recipientes) distribuídos pelas formas de caçoila (3 exemplares) e panela (6 exemplares). A cerâmica de mesa, com 17,1%, distribui-se pelas formas de copo (1 exemplar), jarro (1 exemplar), jarrinha (2 exemplares, um dos quais está representado por asa vertical, de secção oval, com motivos decorativos pintados a vermelho) e púcaro (2 exemplares). Na cerâmica de armazenamento (14,3%) identificaram-se as formas de bilha (1 exemplar), cântaro (1 exemplar contendo pintura a branco), pote (1 exemplar) e talha (1 exemplar completo contendo motivos decorativos pintados a branco). O grupo dos diversos (37,1%)



Fig. 1 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Planta com a implantação das fossas de detritos do período islâmico.

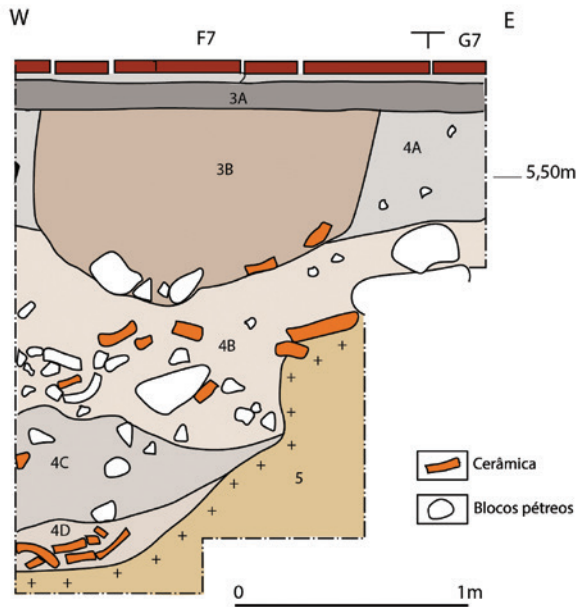


Fig. 2 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Perfil estratigráfico com representação da fossa de detritos F7 preenchida pela C.3B.

corresponde a 13 fragmentos de forma indeterminada que ostentam motivos decorativos pintados a branco (9 fragmentos) e a vermelho (4 fragmentos). A categoria tecnológica de produção de cerâmica vidrada está caracterizada por 3 fragmentos de re-

cipientes (8,6%) distribuídos pelas formas de jarro (1 exemplar) e de taça (2 exemplares) (Quadro 2).

A fossa F7 foi a que ofereceu maior quantidade de espólio cerâmico com 92 exemplares NMI=56. A categoria tecnológica da cerâmica comum é a melhor representada com 97,8%. A cerâmica de cozinha (27,2%) corresponde a 25 fragmentos, apresentando-se sob a forma de caçoila (6 fragmentos) e de panela (19 fragmentos, dos quais 2 oferecem superfície externa com motivos pintados a branco). A cerâmica de mesa (20,7%) corresponde a 19 fragmentos distribuídos pelas formas de tigela/taça, prato, copo, jarra, jarrinha e púcaro; 7 apresentam motivos pintados (1 fragmento de jarra com motivo pintado a vermelho; 1 prato com pintura a castanho; 1 tigela/taça com pintura a vermelho; 1 fragmento de púcaro com pintura a branco; 3 fragmentos de jarrinhas: um com motivo pintado a branco, outro com pintura a negro e por último com pintura a castanho escuro). A cerâmica de armazenamento (8,7%) compreende 8 fragmentos distribuídos pelas formas de cântaro, infusa e pote. A actividade lúdica está representada por uma miniatura de jarrinha – brinquedo (1,1%). O grupo dos diversos corresponde aos fragmentos de cerâmica de forma indeterminada (40,2%) que apresentam motivos decorativos pintados; estes mostram pintura a branco sobre engobe cinzento (2 fragmentos), a

Quadro 1 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica islâmica exumada das fossas de detritos, por categoria tecnológica.

Contexto	Cerâmica comum		Cerâmica vidrada			Total			
	N	%	castanho	verde e manganês	corda seca	N	%	NMI	%
Fossa E7	32	24,2	2	1	-	35	25,5	23	27,1
Fossa F7	90	68,2	-	-	2	92	67,2	56	65,9
Fossa G6	7	5,3	-	-	-	7	5,1	4	4,7
Fossa L8	3	2,3	-	-	-	3	2,2	2	2,8
Total	132	100	2	1	2	137	100	85	100

Quadro 2 – Rua Antônio Joaquim Granjo, 19. Cerâmica islâmica exumada da Fossa E7.

Fossa E7	N	%
Cerâmica Comum	32	91,4
<i>Cerâmica de cozinha</i>	8	22,9
Caçoila	3	8,6
Panela	6	17,1
<i>Cerâmica de mesa</i>	6	17,1
Copo	1	2,9
Jarro	1	2,9
Jarrinha	2	5,7
Púcaro	2	5,7
<i>Cerâmica de armazenamento</i>	5	14,3
Bilha	1	2,9
Cântaro	1	2,9
Pote	1	2,9
Talha	1	2,9
<i>Diversos</i>	13	37,1
Forma indeterminada com pintura	13	37,1
Cerâmica Vidrada	3	8,6
<i>Cerâmica de mesa</i>	3	8,6
Jarro	1	2,9
Taça	2	5,7
Total	35	100

castanho (2 fragmentos), a branco (22 fragmentos) e a vermelho (11 fragmentos), tendo talvez pertencido a panelas, púcaros ou jarrinhas. De um modo geral, a pintura é constituída por linhas verticais simples, horizontais, oblíquas e onduladas. A categoria tecnológica da cerâmica vidrada, ainda que vestigial, está caracterizada pela técnica de corda seca presente em fundo de taça e em fragmento de recipiente fechado (2,2%) (Quadro 3).

Na Fossa G6 surgiram 7 fragmentos de cerâmica comum, com interesse tipológico: de cozinha (1 caçoila e 1 panela); serviço de mesa (1 taça); de

Quadro 3 – Rua Antônio Joaquim Granjo, 19. Cerâmica islâmica exumada da Fossa F7.

Fossa F7	N	%
Cerâmica Comum	90	97,8
<i>Cerâmica de cozinha</i>	25	27,2
Caçoila	6	6,5
Panela	19	20,7
<i>Cerâmica de mesa</i>	19	20,7
Tigela/Taça	2	2,2
Prato	1	1,1
Copo	1	1,1
Jarra	2	2,2
Jarrinha	7	7,6
Púcaro	6	6,5
<i>Cerâmica de armazenamento</i>	8	8,7
Cântaro	5	5,4
Infusa	1	1,1
Pote	2	2,2
<i>Actividade lúdica (brinquedo)</i>	1	1,1
Miniatura de jarrinha	1	1,1
<i>Diversos</i>	37	40,2
Forma indeterminada pintada	37	40,2
Cerâmica vidrada corda seca	2	2,2
<i>Cerâmica de mesa</i>	2	2,2
Taça	1	1,1
Forma indeterminada	1	1,1
Total	92	100

armazenamento (1 cântaro com motivos decorativos pintados a branco). Os *diversos* correspondem a 3 fragmentos de forma indeterminada com motivos decorativos pintados a branco (Quadro 4). Da Fossa L8 foram exumados 3 fragmentos de cerâmica comum: dois pertencentes à cerâmica de cozinha (alguidar e panela) e um terceiro à cerâmica de armazenamento (pote) (Quadro 5).

Quadro 4 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica islâmica exumada da Fossa G6.

Fossa G6	N
Cerâmica Comum	7
<i>Cerâmica de cozinha</i>	2
Caçoila	1
Panela	1
<i>Cerâmica de mesa</i>	1
Taça	1
<i>Cerâmica de armazenamento</i>	1
Cântaro	1
<i>Diversos</i>	3
Forma indeterminada pintada	3
Total	7

Quadro 5 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica islâmica exumada da Fossa L8.

Fossa L8	N
Cerâmica Comum	3
<i>Cerâmica de cozinha</i>	2
Panela	1
Alguidar	1
<i>Cerâmica de armazenamento</i>	1
Pote	1
Total	3

Cerâmica comum

Cerâmica de cozinha

A caçoila – “forma aberta, de corpo mais largo do que alto, de tendência cilíndrica ou em tronco de cone invertido – costuma apresentar marcas de fogo” (Bugalhão *et al.* 2010, p. 460). Na Fossa E7 foram identificados 3 exemplares (8,6%) com bordo inclinado para o interior, de lábio convexo, ou convexo-aplanado com parede convexa. Recipientes semelhantes foram exumados em Palmela, correspondendo à *variante a* da evolução crono-estilística das caçarolas e tigelas com cronologia do século VIII-IX (Fernandes, 2004, p. 150) (Fig. 3, nº s 1 a 3). Na Fossa F7 foram identificados 6 exemplares (6,5%) com diâmetros do bordo entre 220 e 280mm. As caçoilas com bordo inclinado para o exterior com variante de lábio convexo e/ou convexo-assimétrico e parede convexa (Fig. 7, nº s 18 e 19) têm paralelos em Palmela na *variante l* da evolução crono-estilística das caçarolas e tigelas com cronologia do século X-XI (Fernandes, 2004, p. 150). A caçoila com o bordo ligeiramente inclinado para o interior com ténue espessamento

externo e acentuado espessamento interior, com lábio convexo e parede convexa com duas caneluras (Fig. 7, nº 21) apresenta semelhanças em exemplar proveniente do Castelo de Palmela (Galeria 5) dos finais do século X/inícios do século XI (Araújo, 2013, Estampa 22, nº 1003). A caçoila com bordo direito e acentuado espessamento externo, lábio plano e parede carenada assente em fundo plano (Fig. 7, nº 22) tem semelhanças em recipiente proveniente do Castelo de Palmela (Galeria 5) com cronologia dos finais do século X/inícios do século XI (Araújo, 2013, Estampa 23, nº 1020). Na Fossa G6 foi exumada caçoila com bordo direito, ligeiramente inclinado para o interior sem espessamento e lábio convexo (Fig. 14, nº 48). Surgem peças similares, com cronologia do século X-XI, no Castelo de Mértola (Gómez, 2006, CR/CC/0104) e na *variante l* da evolução crono-estilística das caçarolas e tigelas do Castelo de Palmela (Fernandes, 2004:150).

A panela é uma forma fechada com diâmetro do bordo que varia, nos exemplares analisados, entre 110 e 155mm. O bojo apresenta-se globular ou ovoide por vezes com caneluras e/ou decoração a branco, assente em fundo plano ou ligeiramente convexo. Possui asas verticais com a extremidade superior arrancando do bordo e a inferior inserindo-se num ponto do bojo. Devido à reduzida dimensão da maioria dos fragmentos, não pude-

mos observar se os mesmos detinham uma ou duas asas. São peças produzidas com pastas de textura esponjosa com abundantes elementos não plásticos de quartzo e moscovite. Em termos morfológicos, a maioria das panelas (Fig. 3, nº s 4 e 5; Fig. 9, nº 26) têm paralelos em Palmela, na *variante i* da evolução crono-estilística das panelas, integradas cronologicamente no século XI (Fernandes, 2004, p. 148), ainda que tenham surgido exemplares similares na galeria 5 do mesmo castelo com cronologia do século IX/inícios do século X (Araújo, 2013, Estampa 4, nº 43). A panela RAJG.19/61 (Fig. 9, nº 27) de bordo com espessamento externo e lábio convexo, tem paralelos em exemplar exumado do Claustro da Sé Catedral de Lisboa com cronologia da 2ª metade do século XI – 1ª metade do século XII (Amaro, 2001, p. 182). A panela RAJG.19/57 (Fig. 9, nº 25) está representado por fragmento de bordo biselado, colo bem demarcado e bojo globular com série de caneluras, asa em fita cuja extremidade superior arranca do bordo. Panela similar foi identificada no Castelo de S. Jorge cujos contextos identificados apontam para uma cronologia entre meados do século XI e inícios do século XIII (Gomes *et al.*, 1999, p. 138, nº 21).

Cerâmica de mesa

Foi identificado um exemplar de prato (RAJG.19/80), proveniente da fossa F7, com parede oblíqua e fundo plano, oferecendo a superfície interna com motivo vegetalista(?) pintado a vermelho (Fig. 8, nº 24). Em termos formais apresenta paralelos na cerâmica pintada a branco do claustro da Sé de Lisboa com cronologia da primeira metade do século XII (Amaro, 2001); a decoração tem semelhanças em peça exumada do núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa) com cronologia do século XI (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2007, p. 341).

A tigela/taça, utilizada individualmente na mesa, apresenta-se residual, tendo sido recolhidos dois exemplares na fossa F7. O exemplar com bordo inclinado para o interior, lábio convexo, corpo semi-esférico e 170mm de diâmetro do bordo (Fig.

7, nº 17) tem paralelos em Palmela (galeria 5) com cronologia dos finais do século X/inícios do século XI (Araújo, 2013, Estampa 23, nº 1012). O exemplar RAJG.19/77 (Fig. 8, nº 23) possui porção de parede oblíqua assente em fundo plano; ostenta composição decorativa pintada a castanho, no interior, cujo campo central, no fundo, está preenchido por motivo floral provido de pétalas(?); a parede oblíqua mostra motivos fitomórficos e em ziguezague. No exterior apresenta pinceladas a branco. As superfícies revelam manchas de exposição a altas temperaturas. Em Vilamoura, foi identificada uma tigela funda com o bordo em aba exterior e assente em base convexa cuja superfície é coberta por engobe avermelhado com motivos vegetalistas no interior (“*campo central preenchido por uma roseta de seis pétalas onde se organizam radialmente outros elementos fitomórficos; ao longo da aba desenvolve-se uma sanefa de semi-círculos*”); foi cronologicamente integrada no século IX-X (Torres, 1987). Na fossa G6 recuperámos um exemplar de taça que oferece o bordo direito e lábio convexo com 110mm de diâmetro (Fig. 14, nº 47) com paralelos em Palmela (galeria 5) com cronologia do século XI (Araújo, 2013, Estampa 40, nº 1743).

As jarrinhas são muito características, nos contextos de mesa, no período islâmico, cuja funcionalidade está associada ao consumo de líquidos. Estes recipientes apresentam o bordo, quase sempre, com ligeiro espessamento interno e colo convexo. Alguns exemplares ostentam manchas por utilização ao fogo, certamente para aquecer líquidos. As reduzidas dimensões dos fragmentos cerâmicos não permitiram observar a existência de asas, no entanto, estas peças apresentam normalmente duas asas opostas cuja extremidade superior assenta no bordo ou no colo e a inferior no bojo. Foram identificados dois fragmentos, na fossa E7, atribuídos à forma de jarrinha. O exemplar RAJG.19/120 (Fig. 3, nº 7) possui bordo inclinado para o interior com acentuado espessamento interno e lábio convexo assimétrico e diâmetro de 100mm. Exemplares semelhantes foram exumados da galeria 5 do Castelo de Palmela com cronologia do século IX/inícios do século X (Araújo, 2013, Estampa 6, nº 86). Também foi considerado

como pertencente a jarrinha o fragmento de asa vertical de secção oval, possuindo decoração de pinceladas horizontais a vermelho (Fig. 5, nº 12). Jarrinha com asas semelhantes foi reconhecida em Palmela, na evolução crono-estilística dos púcaros e bilhas com decoração pintada, cronologicamente atribuída ao século VIII-IX (Fernandes, 2004, p. 151). Na fossa F7 foram recolhidos sete exemplares pertencentes à forma de jarrinha. O exemplar RAJG.19/132 (Fig. 10, nº 29) corresponde a fragmento de bordo direito com lábio convexo assimétrico (diâmetro do bordo 90mm); tem paralelos em Palmela com cronologia no século XI (Araújo, 2013: Estampa 33, nº 1497). A jarrinha RAJG.19/133 (Fig. 10, nº 30) contém porção de bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio convexo assimétrico e 80mm de diâmetro do bordo. À jarrinha RAJG.19/89 (Fig. 10, nº 31) pertence a fragmento de bordo inclinado para o interior com lábio em bisel assimétrico, ostentando motivos pintados a branco (duas pinceladas no bordo e duas bandas no colo) e diâmetro do bordo 150mm. Jarrinha semelhante, decorada com pintura a branco, foi exumada do Claustro da Sé Catedral de Lisboa com cronologia da 2ª metade do século XI – 1ª metade do século XII (Amaro, 2001: 185, Fig. 14, nº 4). À jarrinha RAJG.19/79 (Fig. 10, nº 32) pertence fragmento de bordo direito com lábio convexo demarcado no interior e diâmetro do bordo *ca* 102mm. À jarrinha RAJG.19/173 (Fig. 10, nº 34) de bordo inclinado para o interior com lábio convexo e diâmetro de 120mm é (tal como a anterior) idêntica a exemplar decorado, com pintura a branco, exumado do Claustro da Sé Catedral de Lisboa com cronologia da 2ª metade do século XI – 1ª metade do século XII. (Amaro, 2001, p. 185, Fig. 14, nº 5). A jarrinha RAJG.19/62 (Fig. 10, nº 33) apresenta bordo direito, lábio convexo e diâmetro do bordo *ca* 120mm. A superfície externa contém pintura a óxido de manganés de traços reticulados demarcada na parte superior por linha horizontal com paralelos em jarrinha proveniente da alcáçova do Castelo de Mértola com cronologia do século X (Torres, 1987, p. 14).

Os púcaros são recipientes que possuem apenas uma asa e corpo globular; à semelhança

das jarrinhas poderiam servir à mesa ou ser utilizados na cozinha para aquecer líquidos. O púcaro RAJG.19/115, recolhido na Fossa E7 (Fig. 3, nº 8), com 120mm de diâmetro do bordo, possui este inclinado para o interior, espessado internamente, lábio convexo assimétrico e asa em fita com a extremidade superior fixada no bordo; tem paralelos em Lisboa (Encosta de Sant'Ana) nos séculos IX-X (Calado & Leitão, 2005, p. 466, nº 6). Dos seis púcaros identificados na Fossa F7, o exemplar RAJG.19/81 (Fig. 10, nº 35) apresenta bordo ligeiramente inclinado para o exterior, lábio convexo, colo alto, asa em fita com a extremidade superior fixada no bordo, e diâmetro de 96mm; tem semelhanças no convento de S. Francisco de Santarém com cronologia integrada no século X-XI (Lopes & Ramalho, 2001, p. 62, Fig. 13-394). O púcaro RAJG.19/180 (Fig. 10, nº 36), com bordo ligeiramente inclinado para o exterior, lábio biselado e diâmetro 110mm, tem paralelos em exemplar proveniente da galeria 5 do Castelo de Palmela com cronologia dos inícios do século XI (Araújo, 2013: Estampa 28, nº 1314).

A jarra é um recipiente fechado, de corpo globular ou ovoide, colo alto, assente em fundo plano ou em pé anelar provido de duas ou quatro asas, opostas, com as extremidades superiores partindo da base do colo e a inferior fixada a meio do bojo. A jarra RAJG.19/138 (Fig. 11, nº 41) possui bordo direito, lábio convexo, colo alto, bojo de forma globular achatada e diâmetro do bordo 55mm. A superfície externa oferece decoração pintada, a vermelho, composta por motivo fitomórfico junto do bordo e por banda pseudo-epigrafada na extremidade superior do bojo, seguida por duas linhas pintadas. Também o fragmento RAJG.19/140 (Fig. 11, nº 43) poderá corresponder a porção de bojo de jarra com a mesma morfologia. Foram encontrados paralelos em pequena bilha proveniente do claustro da Sé de Lisboa com cronologia do século XI-1ª metade do século XII (Amaro, 2001, p. 192, Fig. 18, nº 3) e, em Silves, em jarra com cronologia situada nos séculos XII-XIII (Gomes, 2011, p. 130).

Cerâmica de armazenamento/transporte

O pote é um recipiente de forma globular, assente em fundo plano, utilizado para conter líquidos/sólidos. O exemplar RAJG.19/82 (Fig. 3, nº 6) foi designado como pote e corresponde a fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio convexo e diâmetro de 137mm. Foram encontrados paralelos na galeria 5 do Castelo de Palmela com cronologia da primeira metade do século X (Araújo, 2013, Estampa 9, nº 259).

A infusa é um a recipiente de tendência globular alongada, colo alto, assente em fundo plano e dotado de asa. No presente contexto foi atribuído à forma de infusa o fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o interior com lábio convexo e diâmetro do bordo de 90mm (Fig. 10, nº 37). Peça similar foi identificada em Coimbra, cronologicamente integrada no século X-XII (Catarino, Filipe, & Santos, 2009, p. 372, nº 8).

Pertencente a um cântaro, recipiente destinado a conter ou transportar líquidos, possuímos o exemplar RAJG.19/84 (Fig. 5 nº 11), proveniente da Fossa E7. Trata-se de um fragmento de bordo inclinado para o interior com acentuado espessamento externo e lábio convexo assimétrico e diâmetro do bordo 120mm. A superfície externa apresenta pinceladas horizontais a branco. Foram identificadas peças similares em Palmela na *variante d* da evolução crono-estilística das bilhas e jarros com cronologia do século X-XI (Fernandes, 2004, p. 149). Os exemplares, proveniente da Fossa F7, com bordo inclinado para o interior e acentuado espessamento externo, lábio convexo assimétrico e diâmetro do bordo 110mm têm paralelos em Lisboa no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros com cronologia do século XI (Fig. 10, nº s 38 e 39).

A talha é um recipiente de armazenamento quer de líquidos (água, azeite) como de sólidos (cereais), ocupando, muitas das vezes, dentro do espaço habitacional, lugar de destaque. O exemplar da talha RAJG.19/157, recuperado na Fossa E7, corresponde a peça completa. O bordo apresenta-se com espessamento externo de secção semicircular, o colo é curto, de perfil cilíndrico; o bojo globular, assenta em fundo plano. A superfície externa possui decoração constituída por três motivos serpentiformes pintados a branco no bojo (Fig. 4). No Núcleo Arqueológico da Rua

dos Correeiros foi exumado bordo de talha de secção semicircular e colo curto com atribuição cronológica ao século XI-XII (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2007, p. 343, Fig. 27, nº 4163).

Atividade lúdica

A atividade lúdica está representada neste contexto por uma miniatura de jarrinha de bojo carenado - brinquedo (Fig. 10, nº 40). Peças similares, mas com dimensão para uso quotidiano, foram encontradas em Palmela com cronologias dos finais do século IX/início do século X (Fernandes, 2004, p. 151), e dos finais do século X / inícios do século XI (Araújo, 2013: Estampa 25, nº 1122).

Cerâmica vidrada

A técnica do vidrado constituiu grande novidade no mundo islâmico, difundindo-se rapidamente por todo o território do al-Andalus no século X, com o desenvolvimento das técnicas de vidrado bicromático e policromático (Gómez, 2006, p. 229).

A cerâmica vidrada a verde monocromo está representada em fragmento de jarro (RAJG.19/88) proveniente da Fossa E7, constituído por bordo direito e lábio convexo (Fig. 6, nº 15). Peças com pontuações a vidrado monocromático foram exumadas da alcáçova do Castelo de Mértola com cronologia do século XII (Gómez, 2006, CR/CSP/0014).

A cerâmica vidrada a melado e manganês tem larga diacronia no al-Andalus desde o século X até meados do século XVI. Os motivos decorativos podem apresentar-se geométricos, epigráficos, pseudo-epigráficos, vegetalistas e fitomórficos. O exemplar de taça (RAJG.19/107) recolhido na Fossa E7, possui fundo com pé baixo em anel com motivo decorativo indeterminado, a óxido de manganês, no interior do fundo (Fig. 6, nº 14). Em termos formais, tem paralelos em Silves nas taças vidradas com cronologia do século XI (Gomes, 2011, p. 370).

A técnica decorativa a verde e manganês surge na Península Ibérica em meados do século X com rápida difusão; é considerada o antecedente da corda seca e teve origem no Próximo Oriente no século IX.

Quadro 6 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Datação radiométrica obtida para a Fossa F7.

Ref. de Lab.	Contexto	Tipo de amostra	$\delta^{15}\text{N} \text{‰}$	$\delta^{13}\text{C} \text{‰}$	Data ^{14}C (BP)	Data calibrada (cal AD) (1 σ)	Data calibrada (cal AD) (2 σ)
Beta-440785	Fossa F7 Q.F7, C.3 topo	Osso de <i>Cervus elaphus</i>	+3.3	-20.8	930 \pm 30	1050-1150	1025-1165

Esta técnica decorativa está presente em recipiente aberto (taça?) constituído por três fragmentos de parede com representação de possíveis motivos geométricos (Fig. 6, nº 16).

A técnica decorativa da corda seca começou a ser produzida no al-Andalus no século XI, difundindo-se rapidamente. “No *Gharb* parece ter uma difusão mais ampla do que o verde e manganés, especialmente na zona do Tejo. Esta técnica foi predominante ao longo do século XII, em detrimento do vidrado policromo simples (o verde e manganés) que, porém, não chega a desaparecer totalmente.” (Gómez, 2007, p. 101). A decoração em corda seca parcial foi identificada em fragmento de bojo de recipiente fechado com possível cartela pseudo-epigrafada (Fig. 12, nº 45). Identificámos paralelos em copo exumado nas escavações do Castelo de Mértola com cronologia dos finais do século XI/inícios do século XII (Gómez, 2006, p. 113, CR/CSP/0015). A técnica da corda seca total está representada em porção de taça, de pé baixo em anel, com motivo decorativo geométrico, no interior do fundo (Fig. 12, nº 44).

Metais

Os materiais metálicos reduzem-se, neste contexto, a um utilitário doméstico constituído por um gume de faca em ferro com espigão de encabamento com comprimento máximo de 135mm, comprimento da lâmina de 97mm e espessura máxima de 22mm (Fig. 13). Peça idêntica foi identificada no convento de S. Francisco de Santarém, com cronologia do século X-XI (Lopes & Ramalho, 2001, p. 75). A par

deste utilitário doméstico foram exumados alguns complementos de artefactos de madeira (pregos).

Conclusão

Podemos inferir que nas imediações da área intervencionada existiu população residente islâmica, nos finais do século VIII/IX, materializada através de alguns recipientes provenientes da fossa de detritos domésticos E7. São escassos os materiais com atribuição cronológica ao período Califal. Provavelmente, só aquando das primeiras Taifas é que esta área terá adquirido maior dinâmica, materializada pelo restante espólio exumado. São abundantes os materiais com atribuição cronológica ao século XI-XII, época taifa-almorávida.

Do conjunto faunístico proveniente das fossas aqui estudadas, apresentado em capítulo próprio (da autoria de C. Detry), foi datado radiometricamente um osso de *Cervus elaphus* (AUS.RAJG.4) proveniente do topo da Fossa F7, com cronologia do início do segundo quartel do século XI a meados do século XII (Cal AD 1025-1165) (Quadro 6).

Catálogo¹

Fossa E7. Cerâmica comum

1 - Caçoila (RAJG.19/71). Fragmento de bordo inclinado para o interior com lábio convexo assimétrico e parede convexa. Pasta de

1 - Numeração constante das figuras 3 a 14.

textura esponjosa com quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura redutora - oxidante (núcleo e zona superficial interna anegrada e zona superficial externa avermelhada/acastanhada, Munsell 2.5 YR 4/1; 5 YR 5/6). Diâmetro do bordo 220mm.

2 - Caçoila (RAJG.19/112). Fragmento de bordo inclinado para o interior com lábio convexo e parede convexa. Pasta esponjosa com elementos não plásticos de granulometria fina a grosseira de quartzo e moscovite. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 5 YR 5/6). Apresenta superfície externa anegrada pela exposição a temperaturas elevadas aquando da sua utilização funcional. Diâmetro do bordo 238mm.

3 - Caçoila (RAJG.19/87). Fragmento de bordo inclinado para o interior com lábio convexo-aplanado e parede convexa. Pasta esponjosa com quartzo e moscovite de granulometria fina a média. Cozedura redutora (núcleo e superfícies anegradas Munsell 7.5 YR 2.5/1). Diâmetro do bordo indeterminado.

4 - Panela (RAJG.19/109). Fragmento de bordo com espessamento externo e lábio convexo. Pasta esponjosa com abundantes elementos não plásticos de quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura redutora (núcleo e superfícies anegradas, Munsell 7.5 YR 5/2). Diâmetro do bordo 128mm.

5 - Panela (RAJG.19/111). Fragmento de bordo com espessamento externo e lábio con-

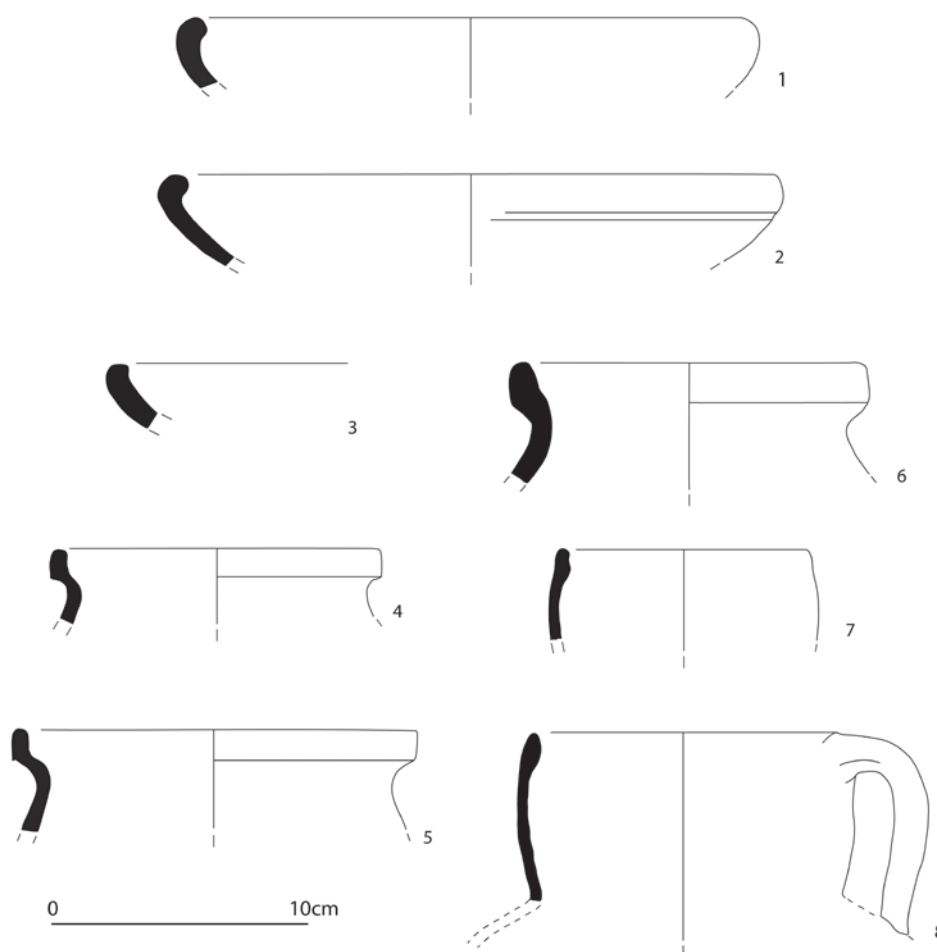


Fig. 3 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum proveniente da Fossa E7: 1 a 3 - Caçoilas; 4 e 5 - Panelas; 6 - Pote; 7 - Jarrinha; 8 - Púcaro.

vexo. Pasta esponjosa com abundantes quartzos de granulometria grosseira, moscovite de grão fino a médio; escassas pontuações vermelhas (cerâmica). Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 7.5 YR 5/4).

6 - Pote (RAJG.19/82). Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio convexo. Pasta esponjosa com abundante quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 7.5 YR 6/6). Diâmetro do bordo 137mm.

7 - Jarrinha (RAJG.19/120). Fragmento de bordo inclinado para o interior com acentuado espessamento interno e lábio convexo assimétrico. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira), escassas pontuações negras de grão grosseiro. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 7.5 YR 4/4). Diâmetro do bordo 100mm.

8 - Púcaro (RAJG.19/115). Fragmento de bordo inclinado para o interior com espessamento interno e lábio convexo assimétrico; possui asa vertical em fita que arranca do bordo. Pasta esponjosa com quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 7.5 YR 5/3). Diâmetro do bordo 120mm.

9 - Talha (RAJG.19/157). Peça completa com bordo semicircular, colo curto, de perfil cilíndrico, e bojo globular assente em fundo plano. Pasta esponjosa com quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura redutora - oxidante (núcleo acinzentado e superfícies - zonas superficiais - avermelhadas/acastanhadas, Munsell 5 Y 5/1; 2.5 YR 4/8). A superfície externa apresenta três motivos serpentiformes pintados a branco no bojo. Diâmetro do bordo 246 mm; altura 630mm; diâmetro no fundo 145mm.

10 - Jarro (RAJG.19/94). Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o interior com lábio plano. Pasta de textura esponjosa com vacúolos, contendo quartzo e moscovite de

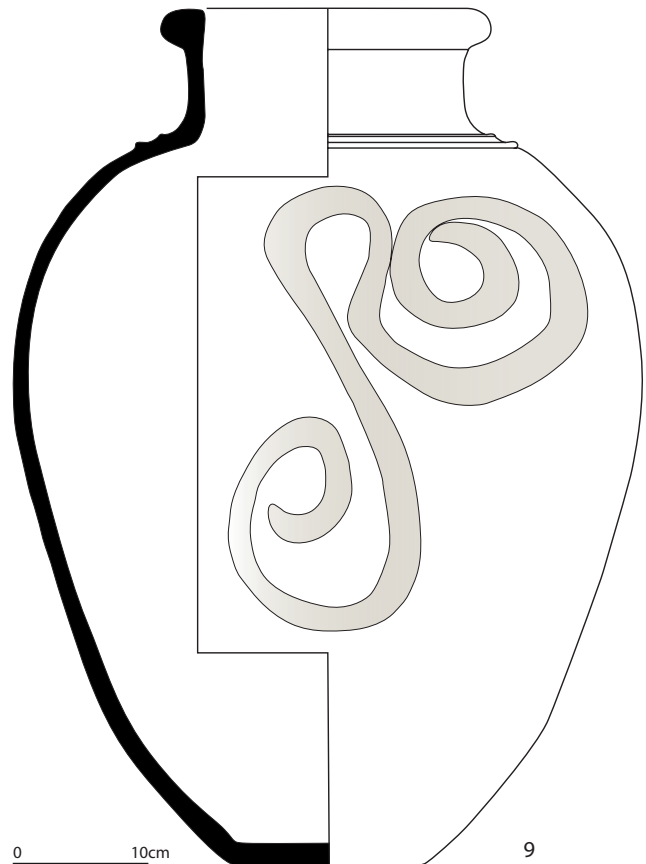


Fig. 4 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Talha com pintura a branco proveniente da Fossa E7.

granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies beges, Munsell 10 YR 6/3). Superfície externa com série de três linhas horizontais junto do bordo antecedidas de três pinceladas no bordo, a vermelho. Diâmetro do bordo 100mm.

11 - Cântaro (RAJG.19/84). Fragmento de bordo inclinado para o interior com acentuado espessamento externo e lábio convexo assimétrico. Pasta esponjosa com quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira). Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 2.5 YR 5/8). Superfície externa com pinceladas horizontais a branco. Diâmetro do bordo 120mm.

12 - Jarrinha(?) (RAJG.19/118). Fragmento de asa com pinceladas horizontais a vermelho. Pasta de textura esponjosa com vacúolos,

quartzo e moscovite de granulometria fina a média; cerâmica moída de granulometria fina a média (escassa). Cozedura oxidante (núcleo e superfícies rosadas, Munsell 5 YR 6/6).

13 - Indeterminada (RAJG.19/83). Fragmento de asa de recipiente fechado com série de três pinceladas verticais a branco. Pasta esponjosa com elementos não plásticos de granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 5 YR 5/6).

Fossa E7. Cerâmica vidrada

14 - Taça (RAJG.19/107). Fragmento de fundo de taça vidrada a castanho com decoração fitomórfica a óxido de manganês. Pasta de textura sacaroide com vacúolos. Cozedura

reductora - oxidante (núcleo anegrado e superfícies - zonas superficiais - avermelhadas/acastanhadas, Munsell 10 YR 4/1 e 7.5 R 5/4). Diâmetro do fundo 91mm.

15 - Jarro (RAJG.19/88). Bordo direito com lábio convexo. Pasta de textura sacaroide com elementos não plásticos de granulometria fina (abundante quartzo e escassas pontuações vermelhas e negras). Cozedura oxidante (núcleo e superfícies beges, Munsell 10 YR 8/2). Apresenta decoração vidrada a verde. Diâmetro do bordo 51mm.

16 - Taça? (RAJG.19/106). Dois dos três fragmentos provêm da fossa e o terceiro do interior da talha (RAJG.19/157); correspondem à parede de um recipiente aberto de cerâmica vidrada a verde e manganês com representação de possíveis motivos geométricos. Pasta de textura sacaroide com quartzo e moscovite de

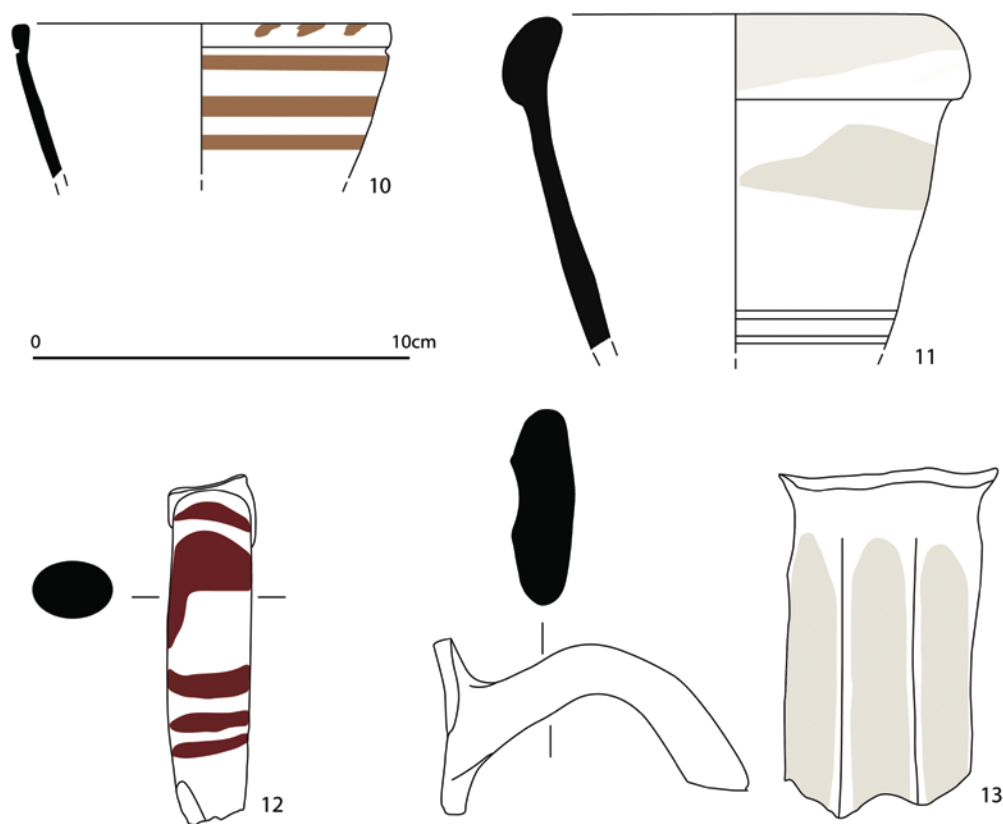


Fig. 5 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica pintada proveniente da Fossa E7: 10 - Jarro; 11 - Cântaro; 12 - Jarrinha(?); 13 - Forma indeterminada.

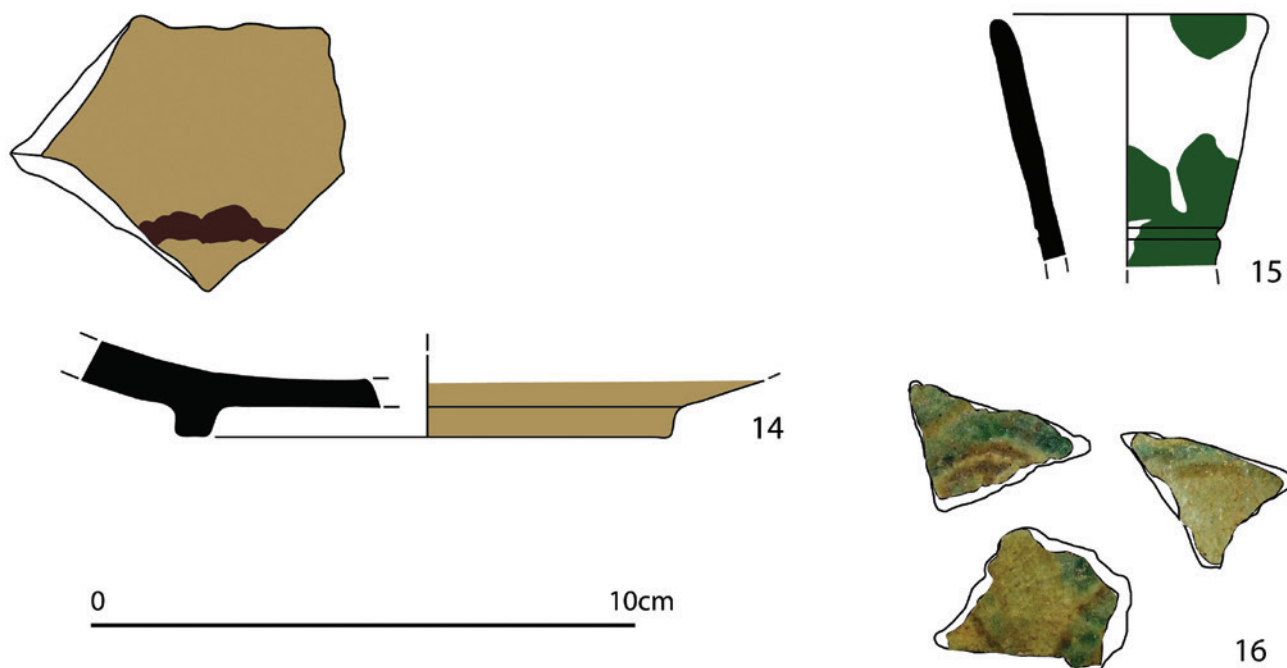


Fig. 6 – Rua Antônio Joaquim Granjo, 19. Cerâmica vidrada: 14 - Taça; 15 - Jarro; 16 - Taça (?).

granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies rosadas, Munsell 5 YR 7/4).

Fossa F7. Cerâmica comum

17 - Tigela (RAJG.19/131). Fragmento de bordo inclinado para o interior e lábio convexo. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira). Cozedura redutora - oxidante (núcleo com zona superficial externa avermelhada/acastanhada e zona superficial interna anegrada, Munsell 5 YR 2.5/1). Diâmetro do bordo *ca* 170mm.

18 - Caçoila (RAJG.19/170). Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio convexo assimétrico. Pasta de textura esponjosa com elementos não plásticos de granulometria fina a grosseira de quartzo e moscovite. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 5 YR 4/4). Diâmetro do bordo 220mm.

19 - Caçoila (RAJG.19/86). Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio convexo. Pasta de textura esponjosa

com quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira). Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 7.5 YR 4/4). Diâmetro do bordo 240mm.

20 - Caçoila (RAJG.19/168). Fragmento de bordo inclinado para o interior com acentuado espessamento interno e lábio convexo. Pasta de textura esponjosa com elementos não plásticos de granulometria fina a grosseira de quartzo e moscovite. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 5 YR 5/6). Diâmetro do bordo 270mm.

21 - Caçoila (RAJG.19/64). Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o interior com ténue espessamento externo e acentuado internamente e lábio convexo. Parede convexa com duas caneluras. Pasta de textura esponjosa com elementos não plásticos de granulometria fina a grosseira de quartzo e moscovite. Cozedura redutora (núcleo e superfícies anegradas, Munsell 7.5 YR 2.5/1). Diâmetro do bordo 240mm.

22 - Caçoila (RAJG.19/63). Bordo direito com acentuado espessamento externo e lábio plano. Pasta de textura esponjosa com

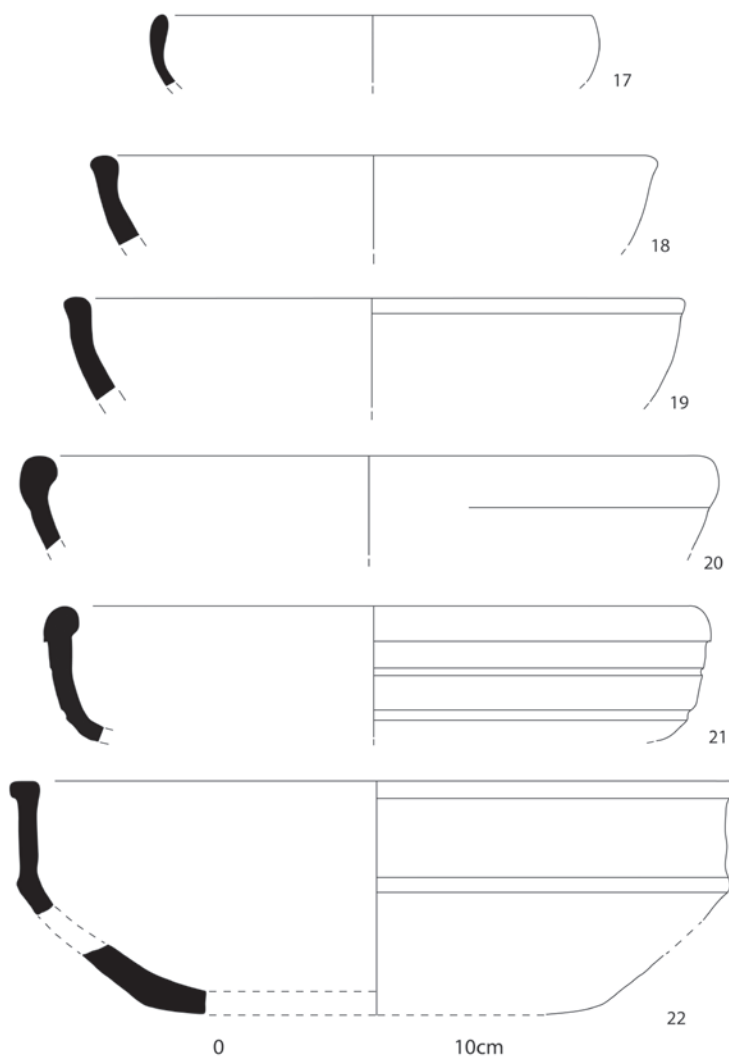


Fig. 7 – Rua Antônio Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum proveniente da Fossa F7: 17 - Tigela; 18 a 22 - Caçoilas.

abundante quartzo de granulometria grosseira, moscovite de grão fino a médio; escassas pontuações vermelhas (cerâmica). Cozedura oxidante - redutora (núcleo avermelhado/acastanhado e superfícies – zonas superficiais – anegradas, Munsell 5 YR 4/4; 5 YR 2.5/1). Diâmetro do bordo 280mm, altura *ca* 90mm.

23 - Tigela/taça (RAJG.19/77). Porção de parede oblíqua e fundo plano. Pasta de textu-

ra sacaroide com elementos não plásticos de quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura redutora - oxidante (núcleo anegrado e superfícies – zonas superficiais – rosadas, Munsell 2.5 YR 2.5/1). Ostenta composição decorativa pintada a castanho, no interior, cujo campo central, no fundo, está preenchido por motivo floral provido de pétalas(?); na parede oblíqua possui motivos

vegetalistas e em ziguezague. No exterior apresenta pinceladas a branco. As superfícies mostram manchas de exposição a altas temperaturas.

24 - Prato (RAJG.19/80). Fragmento de parede oblíqua e fundo plano. Pasta de textura esponjosa com vacúolos, média. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies rosadas, Munsell 7.5 YR 6/4). Superfície interna com pintura a vermelho de motivo vegetalista (?).

25 - Panela (RAJG.19/57). Fragmento de

bordo biselado, colo bem demarcado e bojo globular com série de caneluras; asa em fita cuja extremidade superior arranca do bordo. Pasta de textura esponjosa com abundantes elementos não plásticos de quartzo de granulometria grosseira, moscovite de grão fino a médio; escassas pontuações vermelhas (cerâmica). Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 7.5 YR 5/4). Apresenta manchas de exposição a temperaturas elevadas.

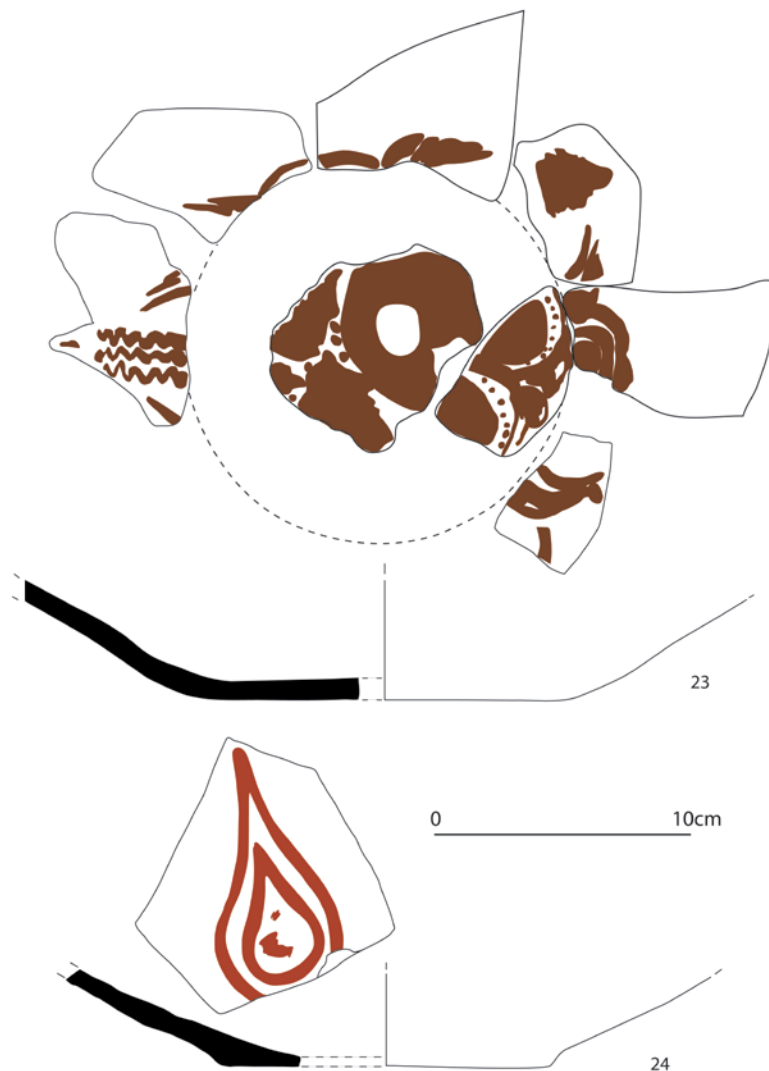


Fig. 8 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica pintada proveniente da Fossa F7: 23 - Tigela/taça; 24 - Prato.

26 - Panela (RAJG.19/59). Fragmento de bordo biselado de lábio a tender para convexo, colo demarcado e bojo globular com asa em fita, possuindo a extremidade superior a arrancar do bordo e a extremidade inferior assente a meio do bojo; este é demarcado por caneluras. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira). Cozedura redutora (núcleo e superfícies anegradas, Munsell 5 YR 3/1). Diâmetro do bordo 154mm.

27 - Panela (RAJG.19/61). Fragmento de bordo com espessamento externo, lábio convexo e asa em fita com o arranque superior no bordo. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira). Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 7.5 YR 4/4). Diâmetro do bordo 142mm.

28 - Panela (RAJG.19/65). Fragmento de bojo com caneluras e pintura a branco. Pasta de

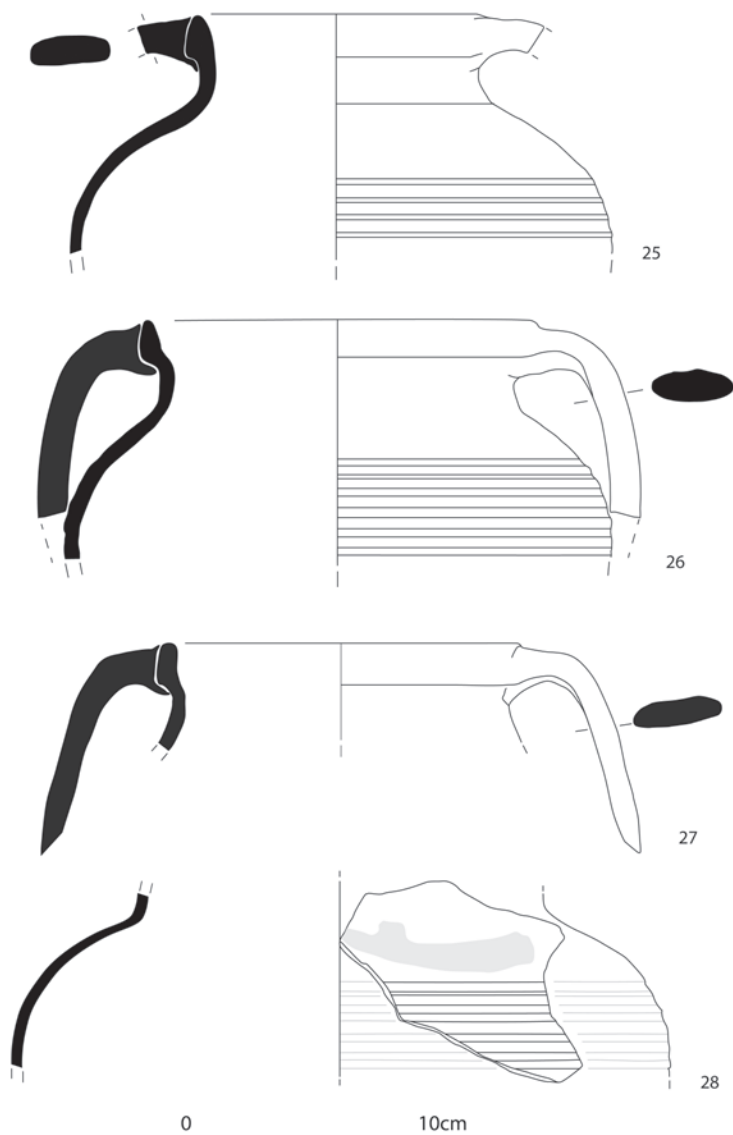


Fig. 9 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Panelas provenientes da Fossa F7.

textura esponjosa com elementos não plásticos de granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas, Munsell 5 YR 5/8).

29 - Jarrinha (RAJG.19/132). Fragmento de bordo direito com lábio convexo assimétrico. Pasta com textura sacaróide com elementos não plásticos de quartzo e moscovite de granulometria fina a média. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies rosadas, Munsell 5 YR 7/4). Diâmetro do bordo 90mm.

30 - Jarrinha (RAJG.19/133). Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio convexo assimétrico. Pasta com textura esponjosa; elementos não plásticos de quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 2.5 YR 5/8). Diâmetro do bordo 80mm.

31 - Jarrinha (RAJG.19/89). Fragmento de bordo inclinado para o interior com lábio em bisel assimétrico, apresentando duas pinceladas a branco no bordo e duas bandas pintadas a branco no colo. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite de granulometria fina a média. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 5 YR 4/6). Diâmetro do bordo 150mm.

32 - Jarrinha (RAJG.19/79). Fragmento de bordo direito com lábio convexo espessado no interior. Pasta de textura esponjosa com abundantes elementos não plásticos de quartzo de granulometria grosseira, moscovite de grão fino a médio; escassas pontuações vermelhas (cerâmica). Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 7.5 YR 5/4). Superfície externa com pintura a óxido de manganês de quatro bandas retilíneas a onduladas dispostas horizontalmente. Apresenta manchas de exposição a altas temperaturas aquando do uso. Diâmetro do bordo *ca* 102mm.

33 - Jarrinha (RAJG.19/62). Fragmento de bordo direito com lábio convexo. Pasta de textura granulosa com vacúolos; elementos não plásticos vermelhos (cerâmica) de granulome-

tria fina a grosseira, brancos (calcário?) de granulometria grosseira, quartzos de grão fino mal distribuídos. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 7.5 YR 6/6). Superfície externa com pintura a óxido de manganês: traços reticulados com demarcação na parte superior por linha horizontal. Diâmetro do bordo *ca* 120mm.

34 - Jarrinha (RAJG.19/173). Fragmento de bordo inclinado para o interior com lábio convexo. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira). Cozedura redutora (núcleo e superfícies anegras, Munsell 5 YR 3/1). Diâmetro do bordo 120mm.

35 - Púcaro (RAJG.19/81). Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior, lábio convexo, colo alto com asa em fita que arranca do bordo. Pasta esponjosa com quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira) e cerâmica moída (granulometria média a grosseira). Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 2.5 YR 4/8). Diâmetro do bordo 96mm.

36 - Púcaro (RAJG.19/180). Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior e lábio biselado. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira). Cozedura redutora (núcleo e superfícies anegras, Munsell 10 YR 3/2). Diâmetro do bordo 110mm.

37 - Infusa (RAJG.19/66). Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o interior com lábio convexo. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira). Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 5 YR 4/4). Diâmetro do bordo 90mm.

38 - Cântaro (RAJG.19/145). Fragmento de bordo inclinado para o interior com acentuado espessamento externo e lábio convexo assimétrico. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 7.5 YR 5/4).

Diâmetro do bordo 110mm.

39 - Cântaro (RAJG.19/177). Fragmento de bordo inclinado para o interior com acentuado espessamento externo e lábio convexo assimétrico. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies aver-

melhadas/acastanhadas, Munsell 5 YR 4/6). Diâmetro do bordo 110mm.

40 - Miniatura de jarrinha (RAJG.19/127). Bojo carenado assente em fundo plano e com arranque de asa. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies

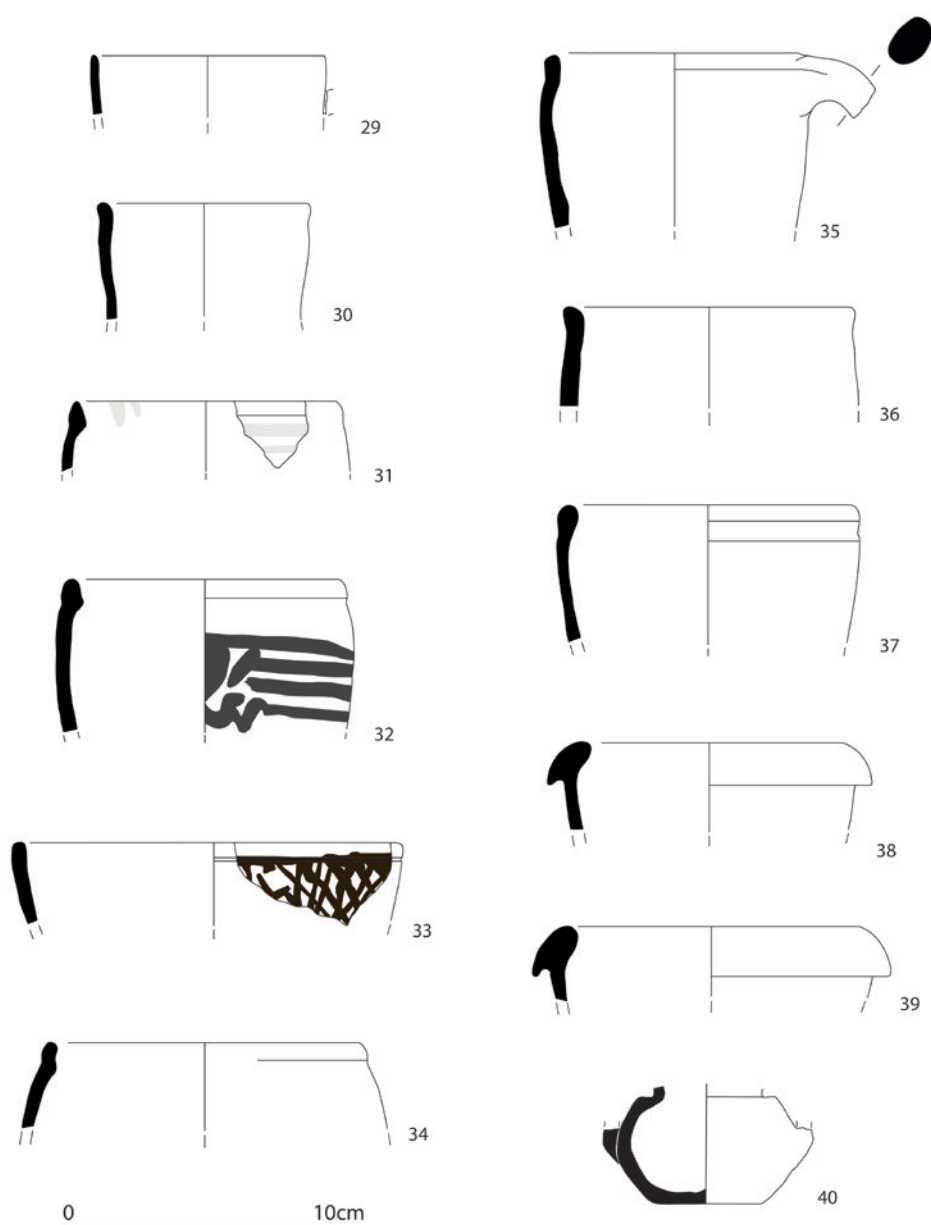


Fig. 10 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica proveniente da Fossa F7: 29 a 34 - Jarrinha; 35 e 36 - Púcaro; 37 - Infusa; 38 e 39 - Cântaro; 40 - Miniatura de jarrinha.

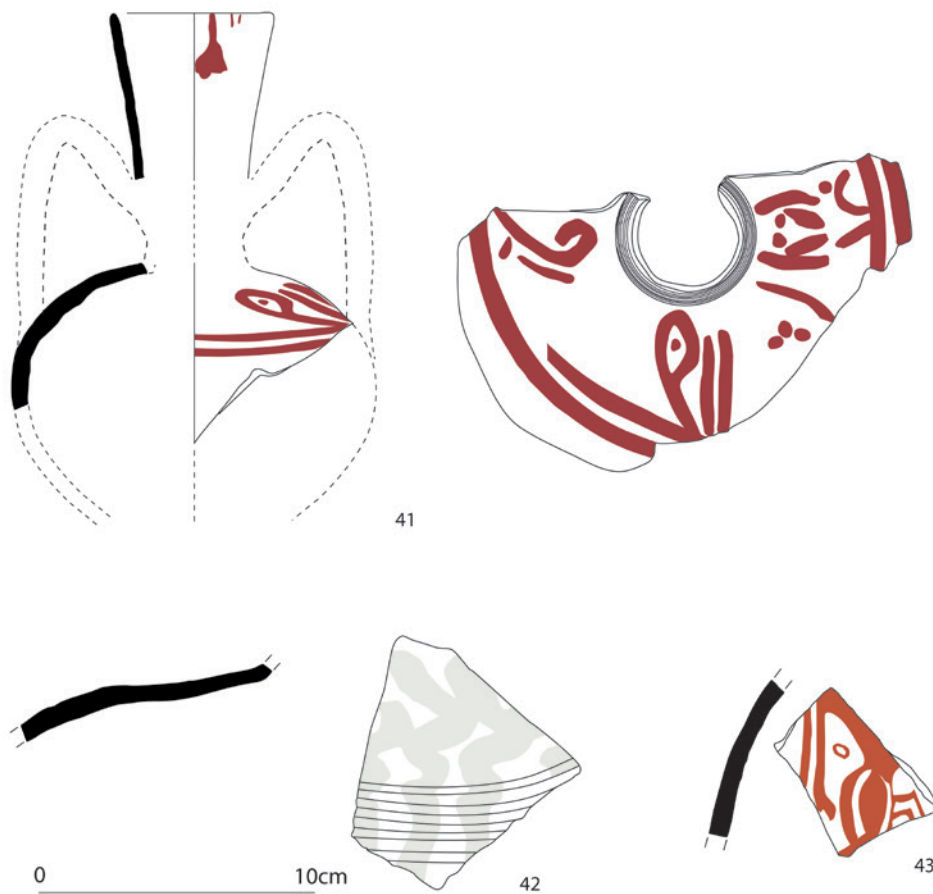


Fig. 11 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica pintada proveniente da Fossa F7: 41 - Jarra; 42 e 43 - Forma indeterminada.

cies avermelhadas/acastanhadas, Munsell 2.5 Y 4/1). Esteve exposta a altas temperaturas.

41 - Jarra (RAJG.19/138). Fragmento de bordo direito com lábio convexo, colo alto e bojo de forma globular achatada. Pasta de textura esponjosa com vacúolos, fina; predomina o quartzo, ainda que apresente pontuações negras e vermelhas de grão muito fino. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies beges, Munsell 2.5 Y 8/3). A superfície externa oferece decoração pintada, a vermelho, composta por motivo fitomórfico junto do bordo e por banda pseudo-epigrafada na parte superior do bojo seguida por duas linhas pintadas. Diâmetro do bordo 55mm.

42 - Forma indeterminada (RAJG.19/155). Fragmento de bojo de recipiente fechado com caneluras e pintura a branco. Pasta de textura esponjosa com elementos não plásticos de quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies avermelhadas, Munsell 5 YR 4/6).

43 - Forma indeterminada (RAJG.19/140). Fragmento de bojo de recipiente fechado com decoração a vermelho. Pasta de textura sacaroide com elementos não plásticos de quartzo e moscovite de granulometria fina a média. Cozedura oxidante (núcleo e superfícies rosadas, Munsell 2.5 YR 6/4).

Fossa F7. Cerâmica vidrada

44 - Taça (RAJG.19/58). Fragmento de fundo de pé em anel com decoração interna em corda seca em tons de verde. Pasta de textura sacaroide com vacúolos, elementos não plásticos de quartzo e moscovite (granulometria fina a grosseira), e escassas pontuações negras de grão fino. Cozedura redutora - oxidante (núcleo acinzentado e superfícies - zonas superficiais - rosadas, Munsell 2.5 YR 8/1; 7.5 YR 7/3). Diâmetro do fundo 84mm.

45 - Forma indeterminada (RAJG.19/70). Fragmento de bojo de recipiente fechado com

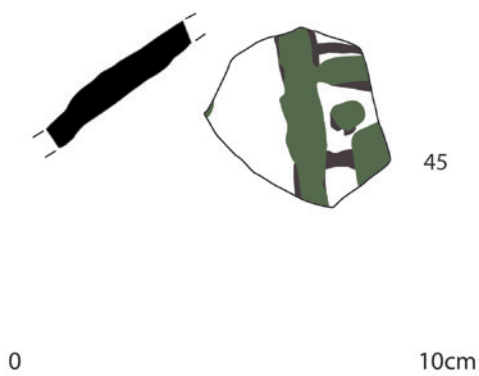


Fig. 12 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica vidrada proveniente da Fossa F7: 44 - Taça; 45 - Forma indeterminada.

decoração em corda seca parcial de possível cartela pseudo-epigrafada. Pasta de textura esponjosa com vacúolos, elementos não plásticos de grão fino a médio. Cozedura oxidante (Núcleo e superfícies rosadas, Munsell 7.5 YR 8/3).

Fossa F7. Instrumento metálico

46 - Faca (RAJG.19/198). Gume de faca em ferro com espigão de encabamento. Comprimento máximo 135mm; comprimento da lâmina 97mm; espessura máxima 22mm.

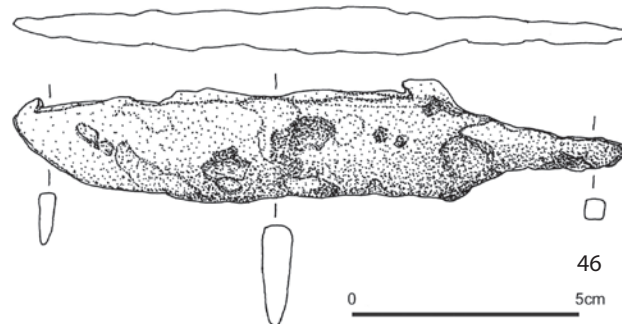


Fig. 13 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Fossa F7. Gume de faca em ferro com espigão de encabamento.

Fossa G6. Cerâmica comum

47 - Taça (RAJG.19/182). Fragmento de bordo direito com lábio convexo. Pasta de textura esponjosa com quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira; cerâmica moída de granulometria fina e grosseira (escassa). Cozedura redutora (núcleo e superfícies anegradadas, Munsell 7.5 YR 3/1). Diâmetro do bordo 110mm.

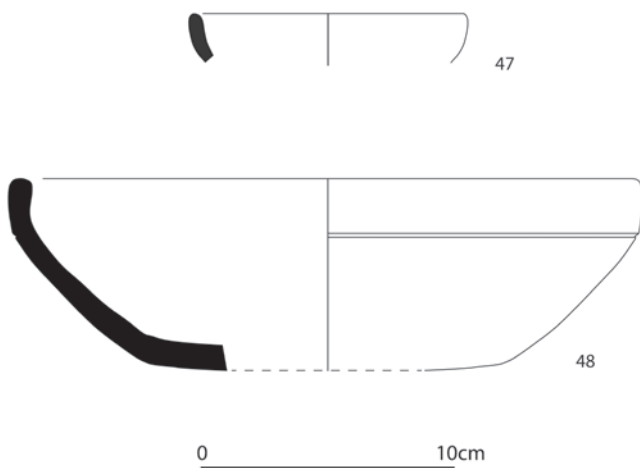


Fig. 14 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica proveniente da Fossa G6: 47 - Taça; 48 - Caçoila.

48 - Caçoila (RAJG.19/184). Bordo direito, ligeiramente inclinado para o interior. Pasta esponjosa com elementos não plásticos de quartzo e moscovite de granulometria fina a grosseira. Cozedura redutora (núcleo e superfícies anegradas, Munsell 5 YR 3/1). Diâmetro do bordo 250mm, altura 75mm e diâmetro do fundo 139mm.

Bibliografia

- Amaro, C. (2001) – Presença muçulmana no claustro da Sé Catedral – três contextos com cerâmica islâmica. In *Garb – Sítios islâmicos do sul peninsular*. Lisboa: IPPAR, p. 165-197.
- Araújo, J. (2013) – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) <http://hdl.handle.net/10451/10944> [consult. 23-09-2015].
- Bugalhão, J. (2009) – Production and consummation of islamic pottery products in Lisbon. *Al-Masaq. Islam and the Mediterranean*, 21 (1) (Abril). Society for the Medieval Mediterranean, p. 83-104.
- Bugalhão, J.; Folgado, D. (2001) – O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira. *Arqueologia Medieval*, 7, p. 111-145.
- Bugalhão, J.; Gomes, A.; Sousa, M. J. (2007) – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarim Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10 (1), p. 317-343.
- Bugalhão, J.; Catarino, H.; Cavaco, S.; Covaneiro, J.; Fernandes, I.; Gomes, A.; Gómez Martínez, S.; Gonçalves, M. J.; Grangé, M.; Inácio, I.; Lopes, G.; Santos, C. (2010) – CIGA: Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus. *Xelb*, 10, p. 455-476.
- Calado, M.; Leitão, V. (2005) – A ocupação islâmica na Encosta de Sant’Ana (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (2), p. 459-470.
- Catarino, H.; Filipe, S.; Santos, C. (2009) – Coimbra islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos. *Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve – O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo* (Xelb, 9). Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 333-378.
- Fernandes, I. C. (2001) – A Península de Setúbal em época islâmica. *Arqueologia Medieval*, 7, p. 185-196.
- Fernandes, I. C. (2004) – *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela.
- Fernandes, I. C. (2005) – Aspectos da litoralidade do Gharb Al-Andalus: os portos do baixo Tejo e do baixo Sado. *Arqueologia Medieval*, 9, p. 47-60.
- Fernandes, I. C.; Santos, M. T. (coord.) (2008) – *Palmela Arqueológica. Espaços. Vivências. Poderes*. Câmara Municipal de Palmela/Museu Municipal.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Pimenta, J.; Valongo, A.; Pinto, P.; Mendes, H.; Ribeiro, S.; Guerra, S. (1999) – A cerâmica pintada de época medieval da alcáçova do castelo de S. Jorge. In *Garb – Sítios islâmicos do sul peninsular*. Lisboa: IPPAR, p. 119-163.
- Gomes, R. V. (2011) – Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a zona da Arrochela, espaços e quotidianos. *Trabalhos de Arqueologia*, 53. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I. P.

- Gómez, S. (2006) – *Cerâmica islâmica de Mértola. Producción y comercio* (Tese de doutoramento apresentada à Universidade Complutense de Madrid).
- Gómez, S. (2007) – A cerâmica islâmica no Gharb al-Ándalus. In *A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro*, p. 95-116.
- Macias, S.; Torres, C. (coord.) (1998) – *Portugal islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Museu Nacional de Arqueologia.
- Liberato, M.; Bugalhão, J., Catarino, H.; Cavaco, S.; Covaneiro, J.; Fernandes, I.; Gómez, S.; Gonçalves, M. J.; Inácio, I.; Santos, C.; Coelho, C.; Gomes, A. (2016) – Em torno das cerâmicas de armazenamento: as talhas (al-hawâbî) no Gharb al-Andalus. *Al-madan*, S. 2 (Janeiro). Centro de Arqueologia de Almada, p. 41-52.
- Lopes, C.; Ramalho, M. (2001) – Presença islâmica no Convento de São Francisco de Santarém. In *Garb – Sítios islâmicos do sul peninsular*. Lisboa: IPPAR, p. 31 -87.
- Soares, J. (2000) – Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida* (Trabalhos de Arqueologia, 14). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p.101-130.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (1987) – Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida). Campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 221-237.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. M. (2010) – Preexistências de Setúbal. A intervenção arqueológica na Rua Francisco Augusto Flamengo, nº s. 10-12. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 3, p. 165-178.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. M. (2014) – Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, nº s. 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 4, p. 161-214.
- Torres, C. (1987) – *Cerâmica islâmica portuguesa*. Catálogo. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Torres, C. (2001) – Lisboa muçulmana: um espaço urbano e o seu território. *Arqueologia Medieval*, 7, p. 73-77.